

“Neste lugar eu darei a paz” (Ag 2,9)

“**N**este lugar eu darei a paz” (Ag 2,9). Nas últimas semanas, algumas das nossas universidades – como muitas outras ao redor do mundo, começando pelos Estados Unidos – tornaram-se palco de ocupações por parte de grupos de estudantes que exigem o isolamento das universidades israelenses através do boicote às colaborações de pesquisa que as universidades italianas mantêm com elas. Confrontos e manifestações encontram sua justificativa em um princípio: **há quem não deve ter o direito de participar do diálogo**, que nasce da pesquisa e da cultura, do qual a universidade se faz promotora ultrapassando os limites da política. As contestações criaram até mesmo, em alguns casos, um **clima intimidatório**, levando estudantes israelenses ou judeus a não comparecerem às universidades por medo de ser agredidos. Ao tentar impedir **formas de comunicação e intercâmbio entre as universidades** de diferentes países, que podem manter abertas as vias para a paz e a justiça, mesmo onde as políticas dos Estados as fecham, as **exigências de cancelamento das colaborações de pesquisa nos parecem** (no conteúdo e, muitas vezes, nos modos de reivindicação) em contraste com o valor, mais do que compreensível, que elas pretendem afirmar, ou seja, **deter toda forma de violência e injustiça**.

Intervindo sobre o assunto, o **Presidente da República, Sergio Mattarella**, afirmou: “As universidades sempre foram locais de debate livre, de crítica e também de dissenso em relação ao poder. Debate, crítica e dissenso conectados entre as universidades de todos os países, acima das fronteiras e acima dos contrastes entre os Estados” (*Discurso por ocasião da recepção do doutorado honoris causa na Universidade de Trieste*, 12 de abril de 2024). A universidade tem como vocação a **construção de pontes acima das barreiras que podem ser erguidas entre Estados, povos ou ideologias**, justamente porque ela é essencialmente caracterizada pela sede de conhecimento, pela crítica dos preconceitos, pela **incessante busca da verdade**. A cooperação nessa busca, pode, portanto, ter um papel fundamental na construção da paz, justamente onde a política pode não ser capaz de encontrar soluções. Certamente, não se trata de uma cooperação indiscriminada: é sempre necessário definir seus limites, para monitorar os possíveis usos impróprios e instrumentais da pesquisa e das instituições.

Quanto mais a universidade se concebe como lugar de encontro entre docentes e discentes de diferentes culturas e nações, onde cada um pode oferecer seu testemunho, científico e humano, como pesquisador da verdade, tanto mais ela pode tornar-se **terreno para relações, para o amadurecimento de tentativas de paz e, por isso, também um ponto gerador de esperança**. Isso foi recentemente lembrado pelo **Cardeal Pierbattista Pizzaballa**: “Acredito que o antídoto à violência e ao desespero, de qualquer lado que venha, é criar esperança, injetar esperança, gerar esperança, educar para a esperança e para a paz. A escola e as universidades têm um papel chave nisso” (*Discurso na inauguração do ano acadêmico 2023-2024*, Universidade Católica de Roma, 15 de janeiro de 2024). É pelos **lugares educativos** que precisamos sempre começar a fim de superarmos os entrincheiramentos ideológicos: é de fato nas escolas e nas universidades que se formam as mentes e os corações das novas gerações, mais facilmente dispostas a uma mudança, da qual depende a **possibilidade de um futuro diferente**.

Nós não queremos esquivar-nos da **responsabilidade pessoal e comunitária** que toda educação e toda mudança implicam. É novamente o cardeal Pizzaballa que destaca: “Neste contexto de grande desorientação, portanto, cada um, por sua parte, é chamado a ser profeta [...]. Se há quem continue a insistir na arte da guerra, nós seremos ainda mais obstinados na arte de promover a paz, nos especializaremos em ser curadores feridos, construtores de paz, reconstrutores daquele templo sagrado que é o ser humano: ‘Neste lugar eu darei a paz’ (Ag 2,9)”. Não se trata apenas da tarefa da universidade, mas de cada um de nós: levar, em todas as circunstâncias, começando pelas mais cotidianas, **a esperança com que vivemos**, compartilhando o **destino do outro**, suas necessidades, esforçando-nos no presente para **tornar mais humano** o contexto em que estamos. **A paz constrói-se a partir de nós mesmos**, de nossas próprias situações, junto com outros que têm o mesmo ideal, e propaga-se de baixo para cima: **vivê-la e testemunhá-la, todos os dias, é a primeira e fundamental contribuição** que cada um de nós pode dar à paz, especialmente no Oriente Médio e na Ucrânia.

7 de maio de 2024
Universitários de Comunhão e Libertação